



O Mudejarismo Insular

A **cultura islâmica** manteve-se florescente na Península Ibérica até aos **séculos XIV e XV**, mau grado as duas invasões berberes do Norte de África e, depois, a reconquista cristã, liderada por **quadros de matriz visigoda**. Foi predominante assim no **Sul de Portugal e na Andaluzia** mesmo até aos finais do século XV, ficando célebres os seus **poetas e escritores**, mas também os seus **médicos e cientistas**, estes últimos, em parte, responsáveis por várias das **inovações que permitiram os descobrimentos marítimos**. Decorrendo então o **povoamento das ilhas Atlânticas**, não espanta que para as mesmas tenha transitado todo um tipo de gosto e de decoração, geralmente designado por *mudéjar*.

A **sua difusão e manutenção**, no entanto, não foi igual em todo o território peninsular, tal como não seria nas **ilhas Atlânticas**. Em Portugal, inclusivamente, apresenta um interessante **recrudescimento nos finais do século XV** com a subida ao trono de Portugal do **rei D. Manuel**, anterior **duque de Beja**, que visita, entretanto **Sevilha**, importando dali grandes quantidades de cerâmicas para revestimento e, por certo, igualmente **técnicos de carpintaria**, numa técnica que ficaria conhecida à época em Portugal como *carpintaria de laço*, ou de *alfarge*.

Esta verdadeira euforia decorativa da **carpintaria mudéjar** leva a que a nova **igreja grande**, depois elevada a **Sé do Funchal**, houvesse sido coberta nas **três naves e nas capelas do transepto** por um monumental conjunto de **tectos de alfarge**, datáveis de 1514, sem paralelo em Portugal e somente com algum paralelo no vizinho arquipélago das Canárias, mas nenhuns de época tão recuada como os da Sé. Os tectos foram construídos em **cedro branco insular (*juniperus oxycedrus*)** e foram depois decorados com motivos de *grutesco*, com **elementos vegetalistas e símbolos heráldicos reais**, uma década depois. Somente ficou de fora a cobertura da capela-mor, feita por abóbada de cruzamento de ogivas.

Desconhecemos os autores do conjunto dos tectos, embora possamos admitir tratarem-se do **mestre Pero Anes**, responsável geral da obras e que, em **1515**, aparece a assinar as folhas de pagamentos da Alfândega, onde se intitula mestre de carpintaria e onde é acompanhado por dois *criados*, também designados por *carpinteiros*: **Gomes Anes** e Antão Gonçalves. Mais tarde, em 1517, o **Pero Anes** aparece designado nos registos camarários como *mestre da Sé* e *mestre das obras de Sua Alteza*, indicação que dirigira igualmente as obras da Sé.

Assim, para além dos tectos da Sé do Funchal, há que contar com os **tectos da chamada Alfândega Nova**, da autoria da mesma equipa, embora só tenha chegado até nós um exemplar, que hoje cobre a **biblioteca da Assembleia Regional**. Trata-se de um exemplar mais simples, embora de grande qualidade de execução e que se enquadra perfeitamente na produção daquela equipa. Ficaram ainda os tectos das salas superiores, esses muito mais simples e que foram recentemente recuperados para salas de reunião dos deputados. O exemplar do piso inferior, chegou aos nossos dias com inúmeras intervenções e em muito mau estado, não se tendo conseguido a sua recuperação.

Este tipo de gosto parece ter subsistido na ilha na Madeira até aos inícios do século XVII. Assim, o **mestre das obras reais Jerónimo Jorge**, procedeu a ampliações

nas igrejas matrizes da Ponta do Sol e da Calheta, entre **1607 e 1608**. Na **matriz da Ponta do Sol** subsistiu o tecto da capela-mor, que pode ser assim o original dos primeiros anos do século XVI. No entanto, tal não pode ter ocorrido na **matriz da Calheta**, pois toda a igreja se encontra coberta por um tecto de *carpintaria mudéjar*, pelo que teve, por certo, de ser refeito face à ampliação da igreja.

Existiram inúmeros **tectos mudéjares** na ilha da Madeira, mas muitos, infelizmente já desaparecidos, como ter sido o da **matriz de Santa Cruz** e, mesmo particulares, como o do **Solar de D. Mécia**. Ao contrário, no **arquipélago dos Açores**, são mais escassos os seus exemplares de **carpintaria Mudéjar**, mais recentes e muito mais simples. Parece assim a colonização açoriana ter recorrido mais a artífices carpinteiros provenientes do Norte de Portugal e, na Madeira, a artífices da área central lisboeta e do Alentejo ou do Algarve. A execução de tectos de **inspiração mudéjar**, no entanto, manteve-se nos Açores ao longo do século XVII, o que não aconteceu na Madeira.

Em relação ao **arquipélago canário** a divulgação deste tipo de gosto foi enorme, mantendo-se a execução e decoração de **inspiração islâmica** ao longo dos séculos XVII e XVIII. No entanto, não conhecemos exemplares tão recuados como os da Sé do Funchal, salvo em pequenas capelas, como é exemplo a **capela das Neves**, na ilha da Gran Canária, fundada pela **família Cerejo** e que apresentava um fantástico políptico flamengo, atribuível à oficina de Joss Van Clève, que igualmente trabalhou para o Funchal, políptico hoje desmanchado, mas ainda na mesma capela.

A divulgação do gosto pelos **tectos de alfarge** divulgou-se um pouco por todas as ilhas Canárias, quer na **Gran Canaria**, **Tenerife** ou **Lanzarote**, por vezes depois pintados de acordo com o gosto das épocas seguintes, mas dentro dos mesmos códigos **estéticos do Mudejarismo**. O **gosto Mudéjar** passou, entretanto, na esfera dos interesses castelhanos, à América Latina, subsistindo exemplares em várias das antigas colónias, através de **Sevilha** e da **Casa de La Contratación**, ou via **ilhas Canárias**.

Igualmente subsistem na Madeira revestimentos de **azulejos Mudéjares**, como os do **coruchéu da Sé do Funchal**, que foram encomendados em 1514, por sugestão do rei D. Manuel e já estavam colocados em 1517, embora ainda não pagos. Por esses anos ainda foram colocados os revestimentos de pavimento dos dois coros de Santa Clara, igualmente em **azulejos mudéjares**, com vidrado verde sobre base relevada, assim como outros de *corda seca*, provenientes das **oficinas de Sevilha**.

Idênticos azulejos decoravam o demolido **convento de Nossa Senhora da Piedade**, em Santa Cruz, parte dos quais decoram hoje a igreja matriz daquela freguesia e, outros, se encontram no Museu das Cruzes. Aqui apresentam o pormenor de **serem de tecto**, aos pares e com as extremidades rebaixadas, em *corda seca* e policromados, com motivos vegetalistas, exemplares de grande qualidade e que também encontramos noutros lugares de Portugal Continental. Nas várias **escavações arqueológicas** efectuadas no Funchal têm sido exumados outros exemplares, sinal de ter tido uma interessante difusão.

Também na **Cidade Velha**, na ilha de Santiago, em **Cabo Verde**, recentes **escavações arqueológicas** exumaram **azulejos Mudéjares das oficinas de Sevilha**, sinal da grande difusão deste tipo de revestimento em Portugal e nas suas zonas de expansão. Existem igualmente informações de terem sido encontrados exemplares semelhantes nas Praças Portuguesas do Norte de África, como em **Tânger**, em **Safim** e em **Mazagão**, embora nunca tínhamos conseguido ver nenhum desses exemplares.

Não encontrámos, no entanto, **nas ilhas Canárias** tão grande difusão para a decoração por **revestimentos cerâmicos Mudéjares**, salvo um ou outro apontamento, sinal, provável, de não terem conhecido tanta aceitação. Entretanto, tal como na

Madeira, também subsistem nas Canárias **pias baptismais de origem sevilhana**, próximas dos revestimentos cerâmicos de chão ou de tecto, o que não acontece nos Açores.

A sobrevivência da **carpintaria mudéjar nas Canárias**, aliada igualmente a um outro tipo de **clima muito mais seco** que nas restantes ilhas atlânticas para Norte, parece ser igualmente responsável pela qualidade dos trabalhos das **gelosias dos balcões**, das **varandas**, etc. Subsistem assim exemplares **finamente entalhados**, que, embora igualmente apareçam nos Açores e na Madeira, nas **Canárias apresentam uma qualidade e uma variedade ímpar**, de certa forma filiáveis na tradição geral da Andaluzia e do Norte de África em geral.

Algumas **residências senhoriais das Canárias** são dotadas também de **complexos balcões**, quer interiores quer interiores, sobre os pátios centrais, igualmente dentro da tradição da carpintaria da Andaluzia e do Norte de África em geral. Padronizaram-se mesmo alguns destes balcões no **último andar das residências**, o chamado “*balcon-granero*”, destinado muito especialmente a servir de **sequeiro a cereais**, embora por certo e também, para recreio e vista sobre a rua.

Estas características levam igualmente à profusão de **gárgulas em madeira** nas ilhas das Canárias, dentro de uma certa tradição zoomórfica medieval, também só possível pelo carácter seco do clima destas ilhas. A padronização excessiva destas gárgulas, com o interessante pormenor de poderem **ultrapassar mais de um metro além das paredes**, leva-nos a pensar, no entanto, serem, na sua maior parte, bastante recentes, embora também se tenham encontrado exemplares antigos.